

Vinte e três anos de muitas fofocas, lendas, socos e censura

Onde tem festival tem fofoca, picuinha, lenda. A história do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro está repleta delas. Como nosso cinema, de resto. Tudo começava em 1965. Paulo Emílio Salles Gomes tinha uma idéia na cabeça e um cinema na mão. Fez um Festival, a I Semana do Cinema Brasileiro. E fez de Brasília o centro das atenções dos amantes da sétima arte.

Naquele tempo, só existiam dois cinemas no Plano Piloto e o Cine Brasília, um deles, não era da Fundação Cultural, como é hoje, mas sim do grupo Severiano Ribeiro. Lá foi aberta a I Mostra do Cinema Brasileiro, no dia 15 de novembro, com a exibição do longa *A Falecida*, do hoje falecido Leon Hirszman. No final do evento, um profético apelo ao presidente da República: "A não ser que se tomem medidas que são da alçada do Poder Executivo, o atual florescimento do filme brasileiro terá o mesmo destino melancólico de outros surtos cinematográficos igualmente promissores que se manifestaram no passado em nosso País". O cinema novo caducava.

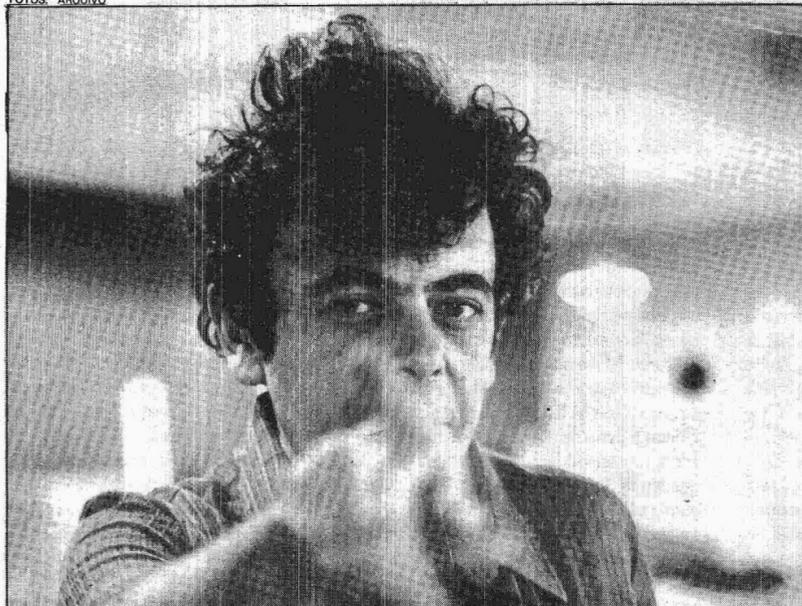
Festival mesmo, o certame brasiliense só viraria em 1967. A diferença é que os filmes inscritos passaram a ser selecionados. E na abertura do Festival, só se entrava de smoking. Como repetir nunca foi item muito bem visto no cardápio dos nossos cineastas, Gláuber Rocha chiou. Tirou *Terra em Transe* da competição porque *Cara a Cara*, de Julio Bressane, não havia sido selecionado. O filme de Bressane entrou em seu lugar. Confusão que não acontecia por acaso: "Selecionar os filmes no meio daquele bando de coronéis era dureza", desabafa Rogério Costa Rodrigues, naquele tempo um dos organizadores do festival.

Moral — Só para dar uma idéia do astral, o presidente Costa e Silva, que já havia interrompido uma sessão de cinema inconformado com o comportamento da atriz francesa Brigitte Bardot na tela, era taxativo: "O cinema que deseja ter uma boa penetração de público deve seguir o exemplo dos bang-bangs americanos, onde há sempre um final moralizador. Não acho certo que uma moça como a Brigitte Bardot use e abuse do seu corpo".

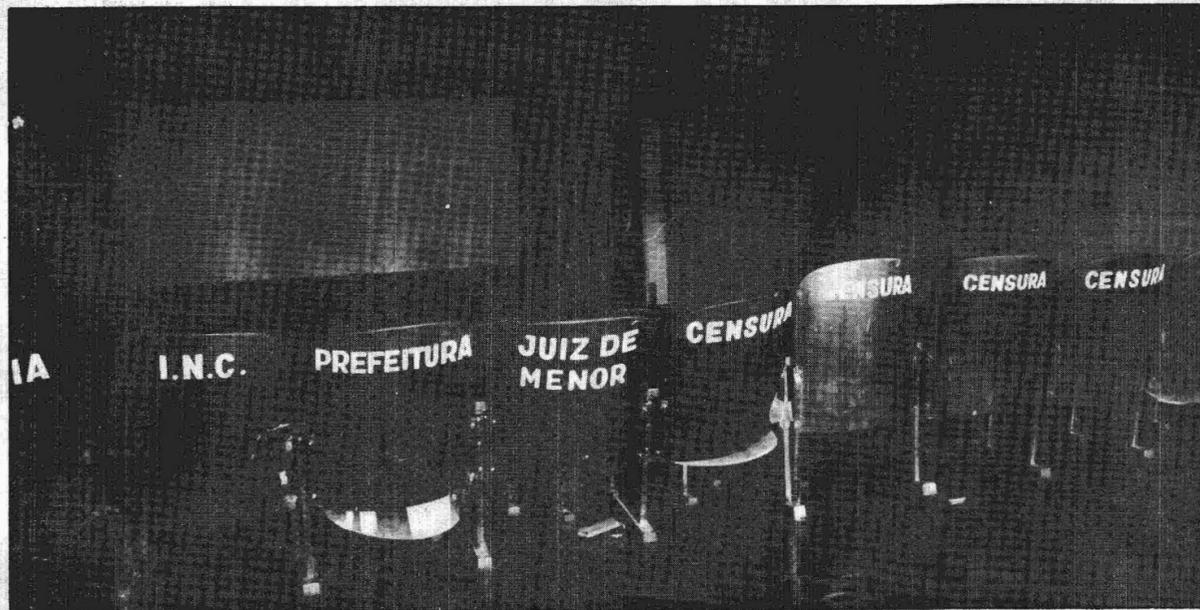
Dois anos depois o diretor Rogério Sganzerla, consagrado no ano anterior com a premiação de *O Bandido da Luz Vermelha*, usaria e abusaria dos seus punhos. Em plena piscina do Hotel Nacional, acertou um murro no crítico Rubens Ewald Filho, levando-o a no-caute. Com fama de ringue, a mesma piscina seria invadida no ano seguinte pelos jogadores de gamão, entre eles o cineasta Ruy Guerra. E o festival exibiu a curta *Vestibular 70*, com direção de Vladimir Carvalho, primeiro filme produzido pelo curso de cinema da UnB.

Em 1971 quase se achou por bem instituir

FOTOS: ARQUIVO



Em 1967, Glauber protestou contra a não-classificação de Bressane



"O cinema tem que ter um final moralizador", dizia o presidente Costa e Silva, dentro de um regime de puro baixo astral.



O CANDANGO DE MELHOR FILME:

um prêmio novo: o candango de corte e costura. É que a censura foi a estrela máxima de um festival que em outros tempos teve todas as atenções voltadas para artistas como Leila Diniz, Paulo José, Roberto Santos e Fernanda Montenegro. *Nenê Bandalho*, de Emílio Fontana, foi apreendido nas bobinas do projetor minutos antes da sessão, após a polícia entrar cinema adentro sob crepitosas vaias. E o ministro Buzaid alertava que o filme *O País de São Saruê*, de Vladimir Carvalho, documentário enfocando a miséria do sertão nordestino, era "polêmico e desaconselhável para o momento".

Acabaram descobrindo que polêmico era o festival inteiro. Foram três anos de hibernação. O retorno foi em 1975, sem lambanças da censura. Mas a escolha do melhor filme (*Guerra Conjugal*, de Joaquim Pedro de Andrade) chegou a deixar alguns irados. "Parece-me que o que contou para a escolha do melhor filme foi o prestígio do diretor", desabafava André Luís Oliveira, que concorreria com o longa *A Lenda de Ubirajara*.

No ano seguinte seria a vez de Hector Babenco, concorrendo com *O Rei da Noite*, soltar os seus petardos. O filme *Aleluia Gretchen*, de Silvio Back, foi aplaudido de pé pelo público, mas não levou nenhum prêmio do júri, e Babenco não perdeu: "O festival anda tão profilático que corre o risco de se transformar em algo parecido com um concurso de misses".

Horror — Pelo menos no ano seguinte o clima de concurso de misses deu lugar tam-

- 1965 — *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos
- 1966 — *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira
- 1967 — *Proezas do Satanás na Vila do Leva e Traz*, de Paulo Gil Soares
- 1968 — *O Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla
- 1969 — *Memória de Helena*, de David Neves
- 1970 — *Os Deuses e os Mortos*, de Ruy Guerra
- 1971 — *A Casa Assassinada*, de Paulo Cesar Sarraceni
- 1972 a 1974 — não houve festival
- 1976 — *Guerra Conjugal*, de Joaquim Pedro de Andrade
- 1977 — *Tenda dos Milagres*, de Nelson Pereira dos Santos
- 1978 — *Tudo Bem*, de Arnaldo Jabor
- 1979 — *Muito Prazer*, de David Neves
- 1980 — *Iracema: Uma Transa Amazônica*, de Jorge Bodansky e Orlando Senna
- 1981 — *O Homem do Pau Brasil*, de Joaquim Pedro de Andrade
- 1982 — *Tabu*, de Julio Bressane
- 1983 — *O Mágico e o Delegado*, de Fernando Coni Campos
- 1984 — *Nunca Fomos Tão Felizes*, de Murilo Salles
- 1985 — *A hora da Estrela*, de Suzana Amaral
- 1986 — *A Cor do Seu Destino*, de Jorge Durán
- 1987 — *Anjos da Noite*, de Wilson Barros
- 1988 — *Memória Viva*, de Octávio Bezerra, e *O Mentiroso*, de Werner Schunemann
- 1989 — *Que Bom Te Ver Viva*, de Lúcia Murat
- 1990 — *Beijo 2348/72*, de Walter Rogério



Anjos da Noite e Beijo 2348/72: alguns ganhadores do Candango no Cine Brasília

bém aos horrores nacionais. Com uma mostra intitulada Filmes de Horror Brasileiros, o festival de 1978 trazia à cidade o inigualável Zé do Caixão, nas horas vagas José Mojica Marins. Unhas enormes, cartola na cabeça e declarações de peso: "Monstro é o que não falta na realidade brasileira, que é um horror".

Mas se Mojica filmava monstros, tinha quem preferisse bumbuns, e neste departamento o de Sônia Braga era um dos mais cotados. Antenado nas preferências, Gláuber Rocha perambulava pelos corredores do Hotel Nacional quando avistou em um canto o cineasta francês Jean Rouch. Foi a deixa. Acusando-o de agente colonizador, Gláuber declararia aos berros: "Este festival desmoraliza a cultura brasileira. Virou um prostíbulo da pornochanchada. A única coisa que esses cineastas fazem é pegar o dinheiro do Governo para filmar o traseiro da Sônia Braga".

Nada mais justo, portanto, que barrar as freiras. Exatamente o que foi feito anos depois, no festival de 1983. O País vivia um estado de emergência decretado pelo presidente Figueiredo e a censura ressuscitava. *A Freira e a Tortura*, de Ozualdo Candeias (hoje disponível em vídeo) teve sua cópia apreendida. No ano seguinte seria organizado pela primeira vez o Festivalzinho, destinado ao público infantil, e os filmes da mostra oficial eram levados pela primeira vez até as cidades-satélites.

Alegando falta de verbas, em 1988 a Fundação Cultural, capitaneada pelo maestro

Marlos Nobre, resolveu promover o festival nas pequeninas salas de cinema do ParkShopping. Muitas pessoas ligadas ao festival desde os primórdios se revoltaram, alegando que nenhum outro cinema que não fosse o Cine Brasília poderia sediar o certame (fora o tradicional Cine Brasília, o festival já havia sido sediado também pelo Cine Atlântida e pelo Cine Karim da 110/111 Sul). Mas não teve conversa. O cinema brasileiro invadiu sem pudor as salas dos Rambos, Rockys e hamburguers. Num mural próximo às bilheterias, o protesto do público: "Não vi e não gostei".

Já em 1989 foi difícil não gostar. *Os Ser-mões*, adaptação da obra do Padre Antônio Vieira assinada por Julio Bressane, e *Minas Texas*, de Carlos Alberto Prates, davam nítidos sinais da vitalidade do cinema nacional. Quem diria que um ano depois cineastas, técnicos e artistas voltariam a se encontrar em Brasília sob os auspícios da política de "terra arrasada" implantada pelo secretário de Cultura da Presidência da República, Ipojuca Pontes.

Beijo 2348/72, de Walter Rogério, levaria o prêmio de melhor filme pelo júri oficial. *O Escorpião Escarlate*, de Ivan Cardoso, o de melhor filme pelo júri popular. Enquanto isso, na minúscula sala Alberto Nepomuceno, Vladimir Carvalho arrancava calorosos aplausos do público com a longa em 16 mm *Conterrâneos Velhos de Guerra*, deixando a lição: muitas vezes, as melhores imagens podem estar na menor bitola.